

O MAJOR
NAPOLEÃO

POR

M. PINHEIRO CHAGAS



LISBOA
LIVRARIA DE CAMPOS JUNIOR — EDITOR
77 — Rua Augusta — 81

UM VELHO SOLDADO DA LEGIÃO LUSITANA

Conheci-o em 1865; era um homem alto, magro, bigode e pera completamente brancos; physionomia marcial, apesar da sua avançada idade; olhar habitualmente melancolico, mas ainda cheio de fogo, quando a conversação era conduzida para o seu assumpto favorito: Napoleão.

Tinha mais de setenta annos, e estava reformado desde 1850. Quando completára o tempo necessario para a reforma, saíra da fileira, enfastiado de marcar passo no posto de capitão, que era n'esse tempo o cabo Bojador das ambições militares. Os Gil Eanes, que dobravam o promontorio, precisavam de empregar para isso uma incrível tenacidade em fazer estados-maiores, e guardas á Principal.

Depois elle servira no grande exercito, combate-
ra á sombra das aguias imperiaes, estivera na retirada da Russia, sentira as commoções violentas d'es-

sas batalhas de gigantes, vira desencadeiar-se a procella da metralha, sentira passar junto de si o turbilhão impetuoso dos couraceiros guiados á refrega pelo vistoso Murat, e, apesar de ser grande patriota, apesar de ter por mais d'uma vez pensado em fugir da legião lusitana, para vir combater ao lado dos seus irmãos... ao subir-lhe á cabeça o cheiro inebriante da polvora, soltára o grito de *Vive l'empereur*, e, entontecido pela vertigem dos combates, arrojára-se aos reductos moscovitas como se se tratasse de ir esmagar os inimigos da sua patria.

Compreende-se que o homem, que se vira envolto na epopéa d'esse gigante esplendido e fatal, que deslumbrou e assolou o mundo nos vinte annos da sua aventureosa carreira, devia sentir-se enojado de dar licenças de recolher, e de render a guarda no Terreiro do Paço com as formalidades da etiqueta militar. Imagine-se um companheiro de Vasco da Gama transformado em remador do bote d'uma barca de banhos!

Reformara-se, mas os habitos da vida militar eram n'elle poderosissimos, e durante quinze annos não deixára de ir todos os dias á casa da guarda do quartel d'infanteria 16 dar um bocado de palestra ao capitão d'estado-maior, e ao subalerno que estava de dia ao regimento.

Entrava; não sei mesmo se perguntava noticias da nossa saúde (eu então servia como subalerno em infanteria 16)... mas, apenas haviamos trocado quatro palavras, ahi o tinhamos de volta com o grande Napoleão.

Todos os pretextos lhe serviam: a parada da vespera, o exercicio do dia seguinte, o render da sentinella, o toque de retreta, as mil futilidades da caserna, as mil preocupações do serviço quotidiano.

Por isso todos nós lhe chamavamos o *Major Napoleão*.

Elle não conhecia outra coisa n'este mundo, nada, mais sabia; todos os homens e todos os acontecimentos só para elle tinham importancia pelo lado, que d'alguma fórma os podia ligar com Bonaparte. Se vivesse agora, como odiaria a Communa, não porque proclamava principios subversivos, não porque incendiára as Tulberias, e o Hotel de Ville, mas porque derrubára a columna Vendôme! Adoraria Thiers, não por elle dirigir com tanta sensatez os destinos da França, mas porque escrevera a *História do consulado e do imperio*. Napoleão era para elle um idolo, um deus, uma preocupação constante, um pensamento de todas as horas e de todos os momentos. Lamentava o tratado de Fontainebleau, mas attribuia toda a responsabilidade a Talleyrand, e culpava principalmente os inglezes. «Se não fossem elles, dizia o meu velho major, Portugal teria entrado francamente na alliança que o grande Napoleão lhe propunha, e ter-lhe-hia sido mais vantajosa do que a maldita alliança ingleza, que nem ao menos serviu para recobramos Olivença. Ah! canalha de *Goddems!*» concluia elle erguendo a bengala e ameaçando atravez do espaço a perfida Albion, com grave risco de dar cabo d'um velhissimo relógio de parede, que tinha o machinismo n'um estado bastante semelhante á nossa organização militar e financeira. Quando não estava parado, entregava-se a uma orgia de horas que era de uma pessoa gritar: «Basta!» Dava vinte, trinta horas, como um padre, que Alexandre Herculano encontrou em Santarem, que fallava em Sancho I, ou II, ou III, ou IV, ameaçando o grande historiador de lhe fazer desabar em cima da cabeça uma dynastia interminavel de Sanchos.

É que o meu velho major era temível, quando o entusiasmo se apossava d'elle.

— Foi em Iena, parece-me, contava uma vez o veterano no seu estylo familiar passeiando comigo na casa da guarda. Os prussianos estavam já fortemente abalados pelo canhão. O grande homem entende que uma carga de cavallaria deve pôr em completa debandada o inimigo. Bessiéres estava ao seu lado; o imperador volta-se para elle e diz-lhe: «Bessiéres, vá a todo o galope dizer a Lannes que carregue com os seus esquadrões.» O duque de Istria mette as esporas ao cavallo, e elleahi vae. Lannes, já furioso por se vêr condemnado á immobibilidade, mordia-se em cima do selim. N'isto chega Bessiéres todo offegante: Marechal, brada elle, o imperador ordena que dê uma carga n'aquella columna á frente da sua cavallaria.

Lannes, como lhe disse, estava de mau humor. Volta-se para Bessiéres e exclama:

«—Á frente da minha cavallaria! Á frente, porque? O imperador já me viu alguma vez carregar na retaguarda?

«—Mas, exclamava Bessiéres estupefacto...

Lannes nem o ouvia.

«—Á frente! tornava elle. Bem! nós fallaremos! Deixe-me ir espatifar os prussianos e cá venho saber como isso é.

Foi, deu cabo dos prussianos, e, quando voltou, foi-me ter com Bessiéres, quadrou-se com elle, e disse-lhe:

— Então vamos lá a saber! Como é lá isso de carregar á frente da cavallaria? Isso é recado que se me dê a mim...

E, dizendo isto, o major quadrava-se comigo, meneava a bengala com uns modos ameaça dores,

dardejava raios dos olhos, e eu estava já vendo quando elle, tomando-me por Bessières e julgando-se Lannes, se preparava para entrar em vias de facto.

Felizmente a discussão entre os dois marechaes não tivera consequencias serias, e por isso o major Napoleão, impertigando-se todo, contentou-se em dizer-me:

— Foi necessario que o imperador interviesse, senhor alferes, foi necessario que o grande homem interviesse para reconciliar aquelles dois gigantes.

E, depois de abanar a cabeça com ar magestoso, continuou o passeio interrompido.

Tomára-me particular affecto, porque eu ouvia-o attento, e fallava-lhe tambem com enthusiasmo do genio de Napoleão, o mais assombroso general que o mundo tem conhecido. Contava-me longos episodios da sua vida aventureosa, as scenas dilacerantes da retirada da Russia, as peripecias das batalhas, os serões dos acampamentos, e no fundo de todas as suas narrativas via-se passar sempre a figura grave de Napoleão.

— Aquelle é que era poeta, senhor escriptor das duzias, dizia-me elle sorrindo quando estava já mais familiar comigo. Cada palavra era uma imagem; o pensamento revestia-se sempre na sua boca d'uma fórma concisa, mas colorida e *frappante* (o major, que seis annos convivera quasi exclusivamente com francezes gostava de quando em quando de mesclar a sua conversação com algumas palavras da lingua do seu heroe). Do sublime ao ridiculo vae um passo apenas, disse elle em Varsovia a M. de Pradt, quando voltava de Moscow. Antes da brilhante campanha da Prussia, fallava-se diante d'elle da cavallaria magnifica da nação que ia ter na sua frente.

«Que importa, respondia o imperador na sua linguagem breve, sonora e clara, marcharemos contra a Prússia n'um quadrado de cento e vinte mil homens.»

—Ah! de certo, respondi eu, uma das faculdades predominantes no imperador era a imaginação. Veja como o Oriente o fascinava. Perdeu-o talvez o deixar-se enlevar pelos sonhos da sua phantasia. E não é uma prova d'essa imaginação exaltada a crença que elle tinha na sua estrella?

—E acha que fazia mal em ter essa crença? tornou o velho major, parando e olhando com gravidade para mim.

—O que! pois é supersticioso, meu caro major? tornei eu rindo.

—Meu joven amigo, redarguiu elle, cá na vida habitual é facil não ter superstição, mas quem anda exposto aos temporaes de Deus e dos homens não pôde ser um espirito forte, por mais que queira. O que eu lhe affianço é que depois de 1817 ouvi dizer a um ajudante de campo de Gomes Freire, que na Russia uma bruxa de Smolensko prophetisára ao general a morte que elle veio ter.

—Ah! redargui eu, disse-lh'o só depois de 1817!

—Guardára silencio até ahí porque o general lh'o recommendára.

Disse-me isto seccamente, e eu portanto não respondi. Depois de um momento de silencio, parou de subito, e tornou, voltando-se para mim:

—Quer que lhe conte a historia?

—Se quero!

Sentámo-nos; era já noite, depois do toque de recolher. O official de estado-maior deitára-se, reinava no quartel o mais profundo silencio, interrompido apenas pelo passo cadenciado da sentinella, e de quando em quando pelos brados de áleria.

Era mais de meia noite, quando elle acabou de fallar.

Ao despedir-me, disse-lhe:

—Dá-me licença que escreva o que me contou?

—Escreva, e, se quizer, posso-lhe ainda contar mais algumas historias do meu tempo.

—Dá-me grande prazer, major.

Embuçou-se n'uma capa que trazia, pegou na bengala, e saiu. Quando já descia a rampa, e eu empurrava a pesada porta de ferro do quartel, voltou de subito para traz.

—Olhe lá, disse-me elle, não me ponha o nome em letra redonda.

—Isso ponho, tornei eu.

—O que?! exclamou o bom do veterano em tom pesaroso, e quasi offendido.

—Hei de pôr com todas as letras «o major Napoleão».

Desatou a rir.

—Ah! sim! bradou elle; os senhores alferesinhos, que saem do collegio militar, já não respeitam os seus superiores! Olhem como a disciplina por cá vae! O grande Napoleão...

—Boas noites, major, interrompi eu aterrado com aquellas duas palavras fataes pronunciadas á uma hora da manhã.

E deitei a fugir para a casa da guarda.

D'ahi por diante, em eu estando de dia ao regimento, ahi vinha o velho major contar-me as suas historias d'outro tempo. Ás vezes tambem ouvia-me com prazer narrar-lhe alguns episodios das guerras modernas, que elle apenas conhecia por alto, mas que não deixavam de o interessar. Tinha ainda pelo exercito francez a sympathia d'um antigo compa-

nheiro d'armas, e não me perdoava os folhetins que eu escrevia contra Napoleão III.

— Sempre é sobrinho do grande homem, dizia elle.

Olhem se o meu pobre major vivesse agora! O que diria de Sedan!

Um dia recebi ordem para me ir apresentar no Porto no regimento de infantaria 5.

O velho major despediu-se de mim com tristeza, dizendo-me:

— Escreva-me; quando voltar já não me encontra talvez! Seja feliz, como o grande Napoleão disse a O' Méara quando se despediu d'elle em Santa-Helena. Abracei-o e parti.

Quando cheguei ao fim da rampa, olhei para traz, e vi-o ainda immovel á porta do quartel. Era ao cair da tarde. Entre as primeiras sombras do crepusculo desenhava-se vigorosamente a figura marcial do major, encostado á bengala, e com a sua sobre-casaca abotoada militarmente.

Fui para o Porto, e não lhe escrevi. Eu tenho a mais invencível, e a mais inexplicavel preguiça epistolar. Este vicio de organização tem-me feito perder alguns amigos, que não podem acreditar que, tendo o habito de escrever, me descuide de responder ás suas cartas.

Para resgatar a minha culpa, tracei no Porto um episodio da campanha das tropas francezas no Mexico, tencionando enviar-lh'o ainda manuscripto, para lhe mostrar que o não esquecera.

Regressei a Lisboa antes de o ter acabado. Quando fui ao quartel, perguntei pelo major. Quando fazia esta pergunta n'um grupo de officiaes, destroçava na parada um dos batalhões do regimento, que vinha d'algun serviço.

— Olha, disse-me um camarada meu, cada soldado, que recolhe agora ás esquadras, queimou ha uma hora tres cartuxos em honra do bom velho.

— O que? Morreu?

— Hontem mesmo. O batalhão vem do enterro.

E perguntou-me se no Porto era muito pesado o serviço.

Não lhe respondi. Involuntariamente saltaram-me dos olhos duas lagrimas.

Pobre amigo! Sem familia, vivendo só das suas recordações, rejuvenescia quando fallava no seu héroe e nas suas campanhas. Afeiçãoára-se a mim, como ao attento ouvinte que se comprazia nas suas longas narrativas. A hora da morte amargurou-lh'a talvez o pensamento de que eu desdenhára a sua pobre e singela amisade.

Este livro é uma homenagem á sua memoria. Aqui reuni historias que elle me contava, e a narrativa que eu preparára para elle.

Mas, fiel á promessa que lhe fiz, conservo o mysterio, em que desejou que eu lhe envolvesse o nome o pobre major Napoleão.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

